

Feminismos plurais: a América Latina e a construção de um novo feminismo

Plural feminisms: The Constitution of a New Feminism in Latin America

Thaís Vieira de Paula¹  0000-0002-9524-4141
Kátiuscia Moreno Galhera²  0000-0001-5790-0913

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, RS, Brasil. 91509-900 – ppgpolitica@ufrgs.br

²Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Londrina, PR, Brasil. 86057-970 – csociais@uel.br



KOROL, Claudia (comp.).

Feminismos populares: Pedagogías y políticas.

Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; Editorial Chirimbote; America Libre, 2016.

Lançado em 2016, na Argentina, com o apoio da Fundación Rosa Luxemburgo e com fundos do Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha, o livro é resultado de diversos âmbitos de esforços coletivos. Pautado no feminismo latino-americano, expresso livremente e a partir de experiências plurais concretas, a obra compila escritos organizados por Claudia Korol a partir de diversas organizações de base. Em comum, o livro e as organizações de base têm a preocupação com a vocalização de experiência de mulheres do Sul Global. A partir de feminismos populares na América Latina e, em menor medida, de outros países do Sul, vozes subalternizadas de movimentos de mulheres locais, comunitárias, populares, bolivarianistas, indígenas e de luta pela terra, dentre outras pautas, são mobilizadas.

São diversas as correntes feministas que permeiam o livro: há, por exemplo, tanto o feminismo liberal que percebe a aprovação de leis pelo Congresso o processo acertado de conquista de direitos, quanto o feminismo construtivista que pauta a necessidade do entendimento do contexto cultural e como influencia na construção social do objeto. Há, ainda, feministas que bebem de diversas correntes para montar sua ação: o caso da feminista marxista que se apoiou no Congresso para o avanço de direitos de pessoas transexuais, ou seja, a militante se apoiou em repertórios políticos dos feminismos liberais e dos transfeminismos, embora se identifique como marxista.

De antemão, importa elucidar que, apesar de não ser anti-intelectual, o compêndio definitivamente não é academicista: “No son un relato para entendidas, sino una práctica rebelde, y una teoría que se amasa en los comedores populares” (Claudia KOROL, 2016, p. 16). A teoria é a prática, a metodologia se baseia na escuta e a epistemologia se constrói a partir de e em ambientes populares.

Como resultado, e em um esforço de conceitualização talvez inútil para fins academicistas, se poderia classificar o livro dentro do Feminismo Latino-Americano: “Un feminismo sembrado en los movimientos populares” (KOROL, 2016, p. 16). Esse mesmo feminismo tem como premissas: o diálogo não hierárquico; a interação a partir dos níveis micro (pessoas, famílias e vizinhanças) e meso (comunidades, vilas, Estado), ainda que em diálogo com o nível macro (culturas civilizacionais, empresas multinacionais e outros organismos do global) e a universalidade de experiências.

A universalidade de experiências das feministas latino-americanas e populares não toca necessariamente na máxima ocidental “o pessoal é político”, atribuído ao contexto de *Women's Liberation* da segunda onda do feminismo, especialmente nos Estados Unidos, em fins da década de 1960. Nesse contexto, argumentou-se que questões como sexo, aborto e divisão do trabalho doméstico não seriam desimportantes ou do âmbito exclusivamente privado, isto é, afirmava-se que questões de foro íntimo são comuns a todas as mulheres. Portanto, a experiência do pessoal/privado/íntimo é sim dotado de política. Embora o pessoal como político não seja negado para as feministas latino-americanas e populares (pelo contrário, é explicitamente abordado como ocorre na seção “Feminismos populares. Las brujas necesarias en los tiempos de cólera”), se questiona outros *loci* de poder e partir de outras experiências de gênero, como o judiciário, as empresas multinacionais, os governos autoritários e de direita, a desigualdade de renda e de acesso à terra, as ditaduras, a violência sexual, sempre a partir da perspectiva popular: “somos protagonistas de la feminización de las resistencias populares” (KOROL, 2016, p. 18).

A partir de suas experiências de gênero, as mulheres do livro também questionam culturas verticalizadas, autoritárias, caudilhescas, hegemônicas e individualistas que são resultado, inclusive, do capitalismo colonizado e patriarcal, ainda nas palavras de Claudia Korol (2016). Ao questionar-se o colonialismo, as feministas latino-americanas e populares questionam também o conhecimento racionalizado, substituindo-o por uma pedagogia feminista lúdica, afetiva, artística, a dança, o canto e diversas perspectivas ideológicas emancipadoras.

Ainda, é importante destacar que no livro valores sociais hegemônicos expressos também na linguagem são também endereçados: no lugar d'O Homem como sujeito universal da história até o século XIX, camponeses e camponesas, trabalhadoras, ou formas neutras em gênero, como “pessoas ativistas” são relatadas como sujeitos plurais e protagonistas das histórias. Quanto à sua estrutura, o livro é dividido em três partes: “Aprendizajes compartidos”, “Textos generadores” e “Voces desobedientes”.

Em “Aprendizajes compartidos”, feministas de diversos coletivos descrevem as lutas contra as lógicas de acumulação de empresas transnacionais que empregam mulheres por oferecerem mão de obra mais barata e flexível; abordam afeminização das migrações devido à busca de trabalho; apontam para a desigualdade frente aos homens, bem como do acesso desigual à terra e ao crédito; afetação majoritária em mulheres pelas mudanças climáticas e insegurança alimentar; tratam sobre a falta de atenção sanitária; das crises econômicas mundiais; do judiciário que não provê instrumentos de defesa para mulheres indígenas. A proposta dessa seção e do livro, porém, não é oferecer a perspectiva de poder unilateral dos processos de colonização-globalização: há emancipação de mulheres populares na ação pública, através de instrumentos como arte e educação popular, envoltas em temas como direitos reprodutivos, econômicos, sociais em organizações como *coordinadora*, estados comunitais, redes de apoio e cuidado.

A segunda parte da coletânea guia-se na explanação a respeito da construção do feminismo entre os espaços da militância e da academia e aponta de forma objetiva a maneira com que essas duas experiências se complementam. Nessa seção demonstra-se a militância entre os espaços públicos e privados e a luta das mulheres militantes e profissionais na utilização dos aparatos burocráticos e legislativos em favor de avanços e contra os retrocessos no que tange às esferas dos direitos reprodutivos, educacionais e identitários. São, portanto, denunciadas as tendências masculinizadoras das áreas de vida comum da sociedade, proveniente de uma cultura patriarcal naturalizada que perpetua as desigualdades de gênero e impossibilita o desenvolvimento de realidades que não estejam inseridas nas categorias binárias.

Pautas como as questões de saúde, educação, acesso à justiça, maternidade, emprego e combate à violência são analisadas a partir das lentes de gênero e da construção de uma cidadania que não se resume apenas no direito de eleger e ser eleita, mas no acesso de maneira equânime a todas as instâncias de direito a partir da horizontalização das relações entre as diversas categorias do feminino e do masculino que estão presentes na sociedade analisada.

A terceira parte do livro, “Voces desobedientes”, é dedicada a entrevistas com feministas proeminentes do Sul Global alocadas em diversos espaços de luta, entre os quais estão: moradia, direito à terra, ativismo trans, direito à identidade e luta de povos originários. Essas entrevistas têm como objetivo caracterizar a luta pela construção de um feminismo desenvolvido coletivamente, bem como o protagonismo feminino em espaços antes masculinizados, ressignificando, assim, o papel das/os diversas/os atrizes/atores nos espaços de militância. Essas mulheres de luta fazem parte das margens “da periferia” global e construíram sua luta nos limiares das sociedades em que estão inseridas na luta comunitária, muitas vezes direcionadas por mulheres, que crescem nas margens e mantêm laços indiscutíveis com as comunidades nas quais atuam.

“Voces Desobedientes” é, portanto, também permeado por experiências feministas diversas. Por exemplo, a migração de ideias feministas da Europa para a Argentina na década de 1980 foi um dos processos que tocou a algumas feministas no país: experiências anarquistas e direitos humanos são exemplos que ilustram essa trajetória. A atuação de Bertha Cáceres, militante ambientalista hondurenha, assassinada, é lembrada. A violência institucional sobre mulheres

indígenas sob a análise teórica do feminismo comunitário é desenvolvida a partir da experiência de uma mulher maya k'iche que teve seu caso transitado e julgado sem o direito de entender o que estava acontecendo, seja pela língua, seja pelas tecnicidades de um processo jurídico ocidental. O livro é finalizado com a entrevista de Vandana Shiva, que ressalta a importância do controle de sementes para a vida na terra.

Como conclusão geral, pode-se afirmar que o livro retrata a pluralidade de lutas de feministas do Sul Global, com especial foco na América Latina. Isso ocorre devido à formação social e econômica latino-americana. Há, ao mesmo tempo, influências eurocentradas, de povos originários e cosmopolitistas sobre pautas que vão do campo à cidade, de comunidades originárias à Organização das Nações Unidas.

O livro apresenta algumas limitações em seu debate, na medida em que se pode dizer que há certa tônica binarista e heteronormativa, por exemplo quando se faz avançar o direito de mulheres, mas não o de homens transexuais. Por fim, embora as experiências relatadas no livro possam ser replicadas para outros lugares da América Latina e/ou tragam, efetivamente, experiências que possam ser replicadas justamente por serem latino-americanas e sul-globalistas, a área em que o livro foi concebido, realizado e majoritariamente desenvolvido é argentina.

Recomendamos o livro para pessoas interessadas em feminismos na América Latina e especialmente na Argentina. Estudiosas/os de gênero, feministas, militantes, ativistas, pesquisadoras/es e pessoas interessadas em políticas públicas, em especial, se beneficiarão de sua leitura.

Referência

KOROL, Claudia (Comp.). *Feminismos populares: Pedagogías y políticas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; Editorial Chirimbote; America Libre, 2016.

Thaís Vieira de Paula (thaisvieirari@gmail.com) é doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e graduada em Relações Internacionais pela mesma instituição. Pesquisa gênero, feminismos e relações internacionais com ênfase no feminismo crítico e feminismo decolonial, focando suas análises em movimentos sociais de mulheres indígenas, América Latina, organizações internacionais e direitos humanos.

Katiuscia Moreno Galhera (katiuscia.mg1@gmail.com) é pós-doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina e doutora em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), foi visiting scholar/ faculty member na Universidade da Pensilvânia (Penn State University/PSU, Estados Unidos), ambas ligadas à Global Labour University (GLU). Pesquisa especialmente trabalho e gênero na América Latina. Atualmente desenvolve pesquisas sobre trabalho escravo e infantil, gênero, Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis e movimentos sociais em cadeias globais de valor.

COMO CITAR ESSE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

PAULA, Thaís Vieira de; GALHERA, Katiuscia Moreno. "Feminismos plurais: a América Latina e a construção de um novo feminismo". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e60065, 2019.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Katiuscia Moreno Galhera - Contribuiu para o trabalho a partir da escolha do livro, bem como desenvolvimento da crítica ao texto original, elaboração do texto final, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Thaís Vieira de Paula - Contribuiu para a elaboração do texto final, bem como no desenvolvimento da crítica ao texto original, elaboração do texto final, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY Internacional. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 04/11/2018

Aprovado em: 12/02/2019

